

Carta da XLV Assembleia do Conselho Indigenista Missionário- Regional Sul.

Nós, missionárias e missionários do Conselho Indigenista Missionário – Regional Sul, realizamos, no dia 09 de dezembro de 2020, nossa XLV assembleia ordinária. Devido ao momento de pandemia e a necessidade de distanciamento social, pela primeira vez, o evento foi realizado no formato virtual, por meio de um aplicativo para videoconferência. Esse importante momento de encontro, espiritualidade, análise e reflexão da realidade socioeconômica, política e indigenista, contou com a participação de missionárias e missionários do regional, assessoras jurídicas, da vice-presidente da entidade, do bispo da diocese de Chapecó-SC, Dom Odelir e de representantes da Pastoral Indigenista da Diocese de Chapecó e de Joinville.

Num ano atípico, em que a pandemia do novo Coronavírus nos impôs novas maneiras de nos relacionarmos, comunicarmos e convivermos com os povos indígenas, nos vimos obrigados a buscar caminhos alternativos para seguir com os processos de formação, articulação e mobilização junto às comunidades. Durante a assembleia, tratamos de temas relativos a conjuntura política e indigenista; acompanhamento dos casos de COVID entre os indígenas; preparativos para celebração dos 50 anos do CIMI; demandas administrativas no âmbito do regional; planejamento, avaliação e monitoramento das nossas ações durante o ano de 2020.

No âmbito das ações relativas aos povos indígenas o governo federal deu início ao desmonte dos órgãos de assistência, paralisou, em definitivo, todas as demarcações de terras e impõe como regra administrativa a perspectiva assimilacionista, resgatando conceitos e concepções genocidas da ditadura militar. Em síntese, Bolsonaro promove a antipolítica indigenista da desconstitucionalização dos direitos, da desterritorialização e da integração forçada dos povos a sociedade nacional.

Em relação ao cenário da pandemia do novo coronavírus no interior das comunidades e povos indígenas, os relatos apresentados pelas equipes que compõem o regional, ainda no início da pandemia, indicam um grande esforço, por parte dos missionários, para deixar de lado o planejamento anual, previamente elaborado e construir ações no sentido de mitigar os efeitos da pandemia. Era necessário pensar em medidas emergenciais de apoio aos povos, num cenário de aumento dos casos de COVID-19 e da omissão criminosas por parte do poder público. Enquanto o governo apresentava um número subnotificado de casos, buscamos, periodicamente, atualizar os dados junto às comunidades indígenas. Com o início da quarentena e a criação das barreiras sanitárias nos territórios, muitos povos deixaram de realizar algumas atividades que eram fundamentais para sua subsistência. Percebemos que era preciso evitar a fome e que, itens básicos de higiene e materiais de limpeza não chegaram tão facilmente, na maioria dos territórios. A necropolítica, adotada pelo governo, impedia o órgão indigenista de cumprir o seu papel institucional. Mesmo com a possibilidade de acessar uma quantidade maior de recursos para auxiliar os indígenas no combate a pandemia, não o fez.

O cenário era preocupante e desafiador. O mundo atravessando sua maior crise social, econômica e política, provocada pela pandemia da COVID-19, e o negacionismo e omissão do governo brasileiro contribuindo para que o número de vítimas, entre os povos indígenas aumentasse. Precisávamos agir rapidamente, mas sabíamos que sozinhos não fazíamos muita coisa.

Mais uma vez a solidariedade e empatia prevaleceram. Neste momento dramático de pandemia, cada equipe, em sua respectiva região de atuação, articulou a criação de redes de solidariedade e frentes de apoio aos povos indígenas. O milagre da partilha propiciou a distribuição de toneladas de alimentos, roupas, materiais de limpeza, itens de higiene pessoal e equipamentos de proteção individual. Adotando os protocolos de segurança recomendados e respeitando o distanciamento social, percorremos os territórios para, dessa vez, fazer algo que não estávamos acostumados, distribuir

doações e ter que ir embora. Sem poder abraçar, apertar a mão, tomar chimarrão, comer juntos, conversar sobre a vida.

Ao lado do movimento indígena, fomos descobrindo novas formas de articulações e resistências. Se para a nossa sociedade ocidental foi difícil adaptar-se ao novo modo de vida, imposto pela pandemia, para os povos indígenas foi um processo bem mais complexo. A vida nos territórios é coletiva e regida pela coletividade e partilha. O distanciamento social parecia algo quase impossível, contudo, aos poucos, os povos foram percebendo a gravidade da situação e a necessidade de elaborarem, eles mesmos, suas estratégias de combate a pandemia.

Temos clareza dos graves riscos que a humanidade corre com a pandemia da COVID-19, no entanto, não podemos fechar os olhos para “outros tipos de vírus” que, também são letais para a vida no planeta e dos povos. A saber: o vírus do capital, o vírus do desmatamento, o vírus da mineração, o vírus do agronegócio, o vírus da especulação imobiliária, o vírus do turismo predatório, o vírus da caça ilegal, o vírus da pesca ilegal, o vírus da grilagem de terras, entre outros. Há muito tempo, esses vírus causam várias enfermidades que acometem o planeta e o tornam doente. Nesse período de pandemia, as violações de direitos e as invasões aos territórios aumentaram consideravelmente. Não restam dúvidas, que os povos indígenas, com seus saberes ancestrais e seus modos de vida, que partem de uma convivência harmônica e respeitosa com a natureza, são a chave para que a humanidade encontre a cura para esse modelo de desenvolvimento predatório e autodestrutivo.

Sem dúvida atravessamos um momento de luto e muita dor. Quantas vidas interrompidas abruptamente. Em nosso país passamos de 181 mil vidas perdidas. Já entre os povos indígenas são 889 vidas interrompidas, 41.250 indígenas contaminados e 131 povos atingidos. O Conselho Indigenista Missionário se solidariza com as famílias de todos os povos que perderam seus entes queridos e reafirma o seu compromisso com a vida de todos os povos indígenas.

Apesar da atual conjuntura, que evidencia a postura genocida e omissa de um governo que, explicitamente, se declara inimigo dos povos indígenas, acreditamos que os povos seguirão resistindo e tecendo os fios da esperança e da solidariedade coletiva

Conselho Indigenista Missionário - Regional Sul

Chapecó, SC, 09 de dezembro de 2020.